

Apresentação – Dossiê História das Mulheres e Educação: perspectivas de pesquisa e formação de professores

 <http://orcid.org/0000-0001-9049-5200> Denize Sepulveda ^A
 <http://orcid.org/0000-0002-7708-6899> Alessandra Schueler ^B
 <https://orcid.org/0000-0002-7365-5505> Jes Baez ^C

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

^B Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

^C Universidade de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires, Argentina

O Dossiê “**História das Mulheres e Educação: perspectivas de pesquisa e formação de professores**” tem por objetivo congregar artigos oriundos de trabalhos sobre a história das mulheres e sobre os estudos dos gêneros e das sexualidades no Brasil e Argentina, bem como em outros países. Nas investigações recentes, é notória a centralidade da perspectiva interseccional para o debate transnacional, e, por isso mesmo, faz-se necessário territorializá-lo e situá-lo no tempo e no espaço. As pesquisas sobre a história das mulheres e sobre os gêneros no Brasil correspondem à expansão dos movimentos feministas, nos anos de 1970 e 1980, contexto no qual as suas organizações lutavam também contra a ditadura, agregando feministas no país e no exílio. As investigações mencionadas foram desenvolvidas concomitantemente com os debates do movimento feminista internacional. No Brasil, temos alguns registros de grupos de estudos sobre o feminismo. Eles datavam o começo da década de 1970 e se situavam entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Eram formados, normalmente, por mulheres que voltavam dos Estados Unidos e de países da Europa. De modo geral, professoras universitárias que desenvolviam investigações sobre a temática. Na Argentina, também nesta década, houve a entrada desse debate nos espaços educativos. No entanto, o golpe militar de 1976 dificultou a sua ampliação. Com a volta da democracia, na década de 1980, as demandas foram atualizadas. Barrancos (2019) destaca o ‘Encuentro Nacional de Mujeres’, realizado em 1986. O evento em questão reuniu milhões de pessoas com o objetivo de participar e desenvolver uma agenda feminista nas ruas do país. Por outro lado, no espaço acadêmico, as ‘Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres’, desde 1991, têm apoiado as visibilidades desses estudos em linhas de investigações com a criação de cátedras, institutos de pesquisa, entre outros. Pesquisas desenvolvidas a partir da década de 1980 no Brasil, na Argentina e no mundo foram importantes para desinvisibilizar a história das mulheres. Em 1989, a Revista Brasileira de História publicou um número inteiro destinado aos estudos sobre o tema, intitulado “A mulher no espaço público” (v.9, n.18). Na apresentação da revista, Maria Stella Bresciani



dizia que essa era uma história da exclusão. Nesse número, as categorias ‘mulher’, ‘mulheres’ e ‘condição feminina’ foram as principais ferramentas nas análises. Nessa época, a categoria ‘gênero’ ainda era novidade na historiografia brasileira. Em 1990, a revista ‘Educação e Realidade’ publicou a tradução em português de um artigo da historiadora norte-americana Joan Scott: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. No mesmo ano, uma versão em castelhano foi editada em ‘Historia y género: las mujeres en la Europa moderna y contemporânea’, de James, Amelang e Mary Nash.

O artigo de Joan Scott se tornou um marco nas temáticas de gêneros e nas análises da pesquisa histórica. A autora ajudou a pensar sobre o conceito de gênero como uma categoria útil à história. Nesse sentido, enfatizou a importância de se refletir sobre a relação existente entre mulheres e homens, assim como sobre as desigualdades e hierarquias sociais que se estabelecem entre ambos. De acordo com Scott, o conceito foi desenvolvido como uma maneira de se opor a um determinismo biológico nas relações entre os sexos masculino e feminino, dando-lhes um caráter fundamentalmente social: “o gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade (SCOTT, 1990, p. 5)”. Logo, a importância dessa análise diz respeito ao aspecto relacional, ou seja, a noção de que os gêneros não podem ser entendidos separadamente – mulheres e homens precisam ser compreendidos de forma recíproca. Além das questões dos gêneros outras pesquisadoras continuaram a desenvolver suas análises sobre as categorias ‘mulher’/ ‘mulheres’. Influenciando também nas pesquisas, ainda em 1990, foi possível observar um aumento nas subdivisões dos movimentos feministas - movimentos lésbicos e gays; movimentos das mulheres negras lésbicas, advindos do movimento feminista negro, entre outros. Investigações em relação aos gêneros, às sexualidades, às homossexualidades e ao racismo também se desdobram tematicamente. Nos últimos anos os estudos de gêneros têm se voltado para o conceito de interseccionalidade. O termo ganhou espaço a partir de uma palestra realizada por Kimberle Crenshaw na cidade Durban, na África do Sul, em 2001, cujo objetivo foi introduzir assuntos há muito debatidos nos movimentos sociais dos feminismos negros nos Estados Unidos, na América Latina e no Caribe. A noção de interseccionalidade é pensada como uma categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, articulando raça, gênero, classe, sexualidades e outros marcadores de desigualdades e hierarquias sociais. No Brasil, ao lado de tantas outras mulheres negras, como Beatriz Nascimento e Luiza Bairros, Lélia Gonzalez foi uma das pioneiras nas discussões sobre a interseccionalidade, ou seja, sobre a centralidade das relações entre gênero, classe e raça na configuração social, cultural e histórica do país. Em suas análises e atuação

como intelectual engajada nas lutas e movimentos sociais, não cansou de escrever sobre a força estrutural do sexismo e do racismo. Entre os anos de 1960 e 1990, seus escritos foram desenvolvidos levando em conta os cenários da ditadura civil-militar e também travando um diálogo permanente com os movimentos sociais no Brasil, na Argentina, no Caribe e nas Américas, com destaque para o debate dos povos negros, especialmente das mulheres negras e suas demandas específicas. Autoras como Angela Davis, Patrícia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, entre outras, contribuem em suas obras para a constituição da perspectiva interseccional como instrumento de análise para diversos campos de conhecimento e investigação, notadamente para as áreas da História e da Educação. Sendo assim, esse dossiê, dedicado à História da Mulheres, às questões de gêneros e sexualidades, reúne artigos que versam sobre essas temáticas e apresentam novos caminhos metodológicos desbravados pelas perspectivas teóricas aqui apontadas. A despeito das singularidades, dos diferentes contextos e da diversidade de abordagens, em conjunto, os autores e as autoras dos artigos aqui reunidos proporcionam riquíssimo debate sobre a História das Mulheres, dos estudos de Gêneros e Sexualidades, e das contribuições teórico-metodológicas das análises interseccionais. O enfoque particularizado para as práticas curriculares nos cursos de formação de professorxs, sem dúvida, amplia os horizontes formativos e contribui para a concretização de propostas de educação mais democráticas, horizontais, participativas, inclusivas, não sexistas e não LGBTIfóbicas.

Assim, neste dossiê, contamos com quinze artigos. O primeiro, de autoria de Kelly da Silva e Anderson Ferrari, intitulado *Histórias de mulheres negras, professoras, ex-cotistas, e suas memórias de infância e adolescência na escola*, resulta de uma pesquisa mais abrangente sobre mulheres negras que vivenciaram processos de formação docente como estudantes cotistas de um curso de Pedagogia em uma universidade pública estadual. Os autores exploram a discussão interseccional entre gênero e raça a partir da perspectiva pós-estruturalista e, por meio do procedimento metodológico das entrevistas narrativas e da produção de memórias, saberes e discursos sobre si, analisam algumas histórias de vida e trajetórias escolares na infância e na adolescência, observando que a constituição daquelas mulheres negras como professoras antecede às experiências de formação inicial.

No segundo artigo, *Caminhos históricos da coeducação: reflexões sobre misturas e separações durante o isolamento*, Daniela Auad analisa historicamente os debates sobre a escola mista no Brasil, considerando o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e o século XX. Para tanto, ancora-se em fontes e pesquisas historiográficas que enfrentam

a temática, demonstrando as tensões, permanências e atualidade dos debates em disputa a respeito da mistura ou separação de meninas e meninos no ambiente escolar.

Em seguida, Rebeca Natacha de Oliveira Pinto nos apresenta a trajetória histórica e a formação de uma atriz nos palcos cariocas, no artigo intitulado *As experiências formativas da atriz Aracy Cortes e sua qualidade mulata: o Teatro de Revistas como espaço de práticas educativas difusas no Rio de Janeiro dos anos 1920*. Por meio de fontes diversas, seguindo os rastros da vida profissional de Aracy Cortes, a autora reflete sobre as origens, as desigualdades de gênero, classe e raça, os processos educativos e os espaços em que atuou como atriz, articulando as relações entre cultura, educação e as dimensões pedagógicas do teatro na cena urbana. Destaca, especialmente, a personagem "Mulata", central na carreira da atriz e cantora, situando os debates sobre nação, gênero e raça nos palcos do Teatro de Revistas, na década de 1920.

No quarto artigo, intitulado *Os caminhos entrelaçados das docentes do Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca*, Teresa Vitória Fernandes Alves analisa a trajetória de três professoras que atuaram no Instituto Profissional Feminino Orsina da Fonseca (IPFOF) entre as décadas de 1910 e 1935. A pesquisa contribui para conferir visibilidade à significativa atuação de mulheres no magistério carioca, especialmente no que se refere à experiência dos institutos profissionais, ainda pouco tematizada na historiografia especializada. A autora interroga-se sobre o projeto de formação institucional, que objetivava educar mulheres para serem boas esposas, mãe de família, do lar ou trabalhadoras para a indústria e comércio – mulheres prendadas, rendeiras, dedicadas aos trabalhos de linha e agulha.

A história da educação feminina é a temática central do quinto artigo, de autoria de Anna Beatriz Esser dos Santos. Em *Cristine de Pizan e a educação de mulheres no alvorecer da modernidade*, a autora analisa a perspectiva e a figura histórica de Christine de Pizan (1364-1430), criada na corte francesa de Carlos V. Em *A Cidade das Damas*, a escritora fez reivindicações em nome das mulheres, ampliando as reflexões sobre diferença e desigualdade entre homens e mulheres no início da época moderna.

A trajetória de outra mulher negra no campo da educação é investigada por Gisele Rose em *Azoilda Loreto de Andrade e o legado do projeto 'A cor da cultura'*. Iniciativa de importância fundamental na história recente do país, o projeto foi também resultado das lutas históricas dos movimentos negros pelo reconhecimento e implementação da Lei nº 10.639, de 2003, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História da África e dos negros no Brasil em todo currículo escolar brasileiro. Idealizado pela intelectual negra Azoilda

Loretto da Trindade, o projeto *A Cor da Cultura* foi difundido em todo o país, produzindo materiais audiovisuais, ações culturais e educativas, por meio do Canal Futura, em parceria com a Petrobras, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, o MEC – Ministério da Educação e Cultura, a Fundação Palmares, a TV Globo e a Seppir – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Vindo nessa mesma linha de trabalho, Amanda André de Mendonça e Luciana Martins Castro buscam dar visibilidade às contribuições de Nísia Floresta em defesa dos direitos das mulheres no contexto do Rio de Janeiro oitocentista. As autoras, no texto *Nísia Floresta e o pioneirismo ‘invisível’ do feminismo brasileiro*, analisam a trajetória da educadora, poetisa e escritora, pois a contribuição intelectual dela, assim como sua militância, ainda é pouco divulgada em termos de revisão bibliográfica.

Carolina Da Silva Santos, Gabriel Corrêa Siqueira e Ana Beatriz Da Silva Anacleto, no texto *Corpos silenciados: os dados da violência sexual contra mulheres no Rio de Janeiro*, analisam os resultados dos dados elaborados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), bem como os documentos do Dossiê Mulher – entre os anos de 2006 e 2018. Utilizando-se da perspectiva feminista, os autores encontram o maior número de denúncias sobre violência sexual registrado na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) e direcionado a crianças e adolescentes do gênero feminino. As violências são praticadas no ambiente doméstico e cometidas por pessoas próximas.

No nono texto do dossiê, Dagmar de Mello Silva, Maria Onete Ferreira Lopes e Maria Cláudia Reis apresentam a trajetória político-revolucionária de Nadhezda Konstantínovna Krupskaja e suas ideias forjadas na luta pela transformação social, no contexto da Russa czarista. O artigo aborda a biografia dessa mulher como educadora, revolucionária e enfatiza seu protagonismo junto ao marido, Lenin. A análise tecida nos permite refletir também sobre as ausências das mulheres nos currículos escolares.

Indagando sobre a formação docente em Letras, Valeria Sardi aborda a presença da perspectiva de gênero na universidade. O trabalho intitulado *Entre trayectorias: para una historia reciente del profesorado en letras desde un abordaje de género*, a partir de um conjunto de entrevistas a docentes em formação, explora as continuidades e rupturas dos estudos dos gêneros na formação de professores, na história recente da Argentina.

Questionando sobre o lugar que ocuparam as mulheres no século XIX, o artigo *Imprensa de mulheres, imprensa para instruir mulheres: a atuação de Francisca Senhorinha da Motta Diniz no periódico o sexo feminino*, de Aline de Souza de Souza Araújo França, analisa as

contribuições dessa professora e periodista. Em um período de acesso desigual à educação, a imprensa foi um dos caminhos pelos quais conhecimentos de distintas áreas do saber puderam ser propagados. A autora indaga sobre a seção “Noticiário” do periódico *O Sexo Feminino*, publicado em Campanha da Princesa (MG), entre 1873-1874, e, posteriormente, no Rio de Janeiro, em 1875 e 1889, com o objetivo de compreender as principais ideias e discursos acerca da educação para mulheres.

Em um contexto recente, Andres Malizia analisa o plano de estudo da carreira de sociologia na Universidade de Buenos Aires, na Argentina, no trabalho denominado *Género y curriculum: una mirada generizada sobre el plan de estudios de la carrera de sociología*. A autora argumenta sobre a necessidade da inclusão dos conteúdos dos gêneros e das sexualidades, considerando que as universidades são formadoras de professores. Assim, esse artigo problematiza a potencialidade dos planos de estudos.

No artigo cognominado *Memórias de Marta de Julia Lopes de Almeida: uma narradora burguesa num contexto de exclusão social*, Eurídice Hespanhol Macedo Pessoa analisa esta obra, tendo como aporte a história das mulheres e seus possíveis desdobramentos. Editado como livro em 1899, o romance narrado por uma mulher em primeira pessoa, oferece múltiplas leituras. Apoiada em Bakhtin y Ginzburg, a autora do artigo recorre metodologicamente a pistas que nos mostrem a perspectiva interseccional do protagonismo feminino em relação às questões de gênero, raça, classe e formação educacional.

Avançando sobre as primeiras décadas do século XX, Anna Clara Clara Granado, Pedro Henrique Lessa Torres e José Antonio Sepulveda analisam a dialética entre o movimento feminista, em especial a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), e dois movimentos conservadores nacionais que se desenvolveram na Primeira República: a Reação Católica e a União Católica Militar (UCM). Com o título *A atuação da cruz e da espada para despotencializar as lutas feministas e naturalizar as funções sociais das mulheres nas décadas de 1920 e 1930*, por meio das revistas *O Centurião* e *A Ordem*, os autores buscam aportar argumentos sobre o lugar conservador da Igreja Católica e das Forças Armadas à frente das lutas do movimento feminista.

Finalmente, o trabalho de Rejane Lucia Amarante de Macedo, intitulado *Roda na saia: história, costura e educação de mulheres negras professoras* indaga como os trabalhos manuais da agulha possuem uma larga identificação com as mulheres negras e com o tipo de educação que recebem em Escolas Femininas até 1961. A partir de uma perspectiva autobiográfica e uma leitura interseccional, a autora explora como se entrecruzam as muitas outras histórias de

mulheres negras, incluindo as da sua família, experimentando os saberes da costura e do magistério em percursos de vida-formação.

Além dos artigos que compõem o Dossiê, temos 16 artigos de demanda contínua, 3 relatos de experiências, 3 resenhas e 1 entrevista.

Convidamos a todas e todos que mergulhem nas leituras aqui presentes e que possam rememorar e conhecer a atuação de muitas mulheres em diversos *espaçostempos* da história e dos cotidianos, como também outras pesquisas e produções que estão sendo tecidas no contexto atual. Boa Leitura!!!